

## **SUBALTERNIDADE LOCAL: OS ESPAÇOS E A DEFINIÇÃO IDENTITÁRIA EM *O VELHO E O MAR*, DE ERNEST HEMINGWAY**

Ferdinando de Oliveira Figueirêdo<sup>1</sup>  
Sueli Meira Liebig<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo desenvolver uma análise pós-colonial do romance *O velho e o mar* (1952), do escritor norte-americano Ernest Hemingway (1899-1961), a fim de observar a representação dos personagens pelos espaços locais apresentados na obra enquanto um reflexo de identidades subalternizadas pelo contexto neoimperialista dos Estados Unidos. Apresenta-se, portanto, sujeitos afetados pelo sistema colonial que os determina como objetos de dominação do Império.

**Palavras-chave:** Identidade; Literatura; Lugar; Pós-colonialismo; Subalternidade.

**ABSTRACT:** This article aims to develop a post-colonial analysis of the novel *The Old Man and the Sea* (1952), by the North-American writer Ernest Hemingway (1899-1961), in order to observe the representations of the characters by the local spaces presented on the work while a reflection of the subordinate identities by the neo-imperialist context of the United States. Therefore, it presents subjects affected by the colonial system that determine them as objects of the Empire domination.

**Keywords:** Identity; Literature; Place; Post-colonialism; Subalternity.

### **Introdução**

A questão da pós-colonialidade significa um território extenso de discussão na arte literária, sobretudo nas literaturas oriundas do contexto imperialista no âmbito mundial entre os séculos XVIII e XX. Ao tratar sobre o panorama colonial, considera-se a Inglaterra como o país que mais usufruiu do colonialismo para se expandir em sua cultura, economia e, principalmente, na sua política expansionista. Todavia, embora o Império Britânico tenha sido o agente elementar da prática colonial, os Estados Unidos também realizaram o seu modo de interferência cultural, econômica e política através da colonização, o que justifica a importância de se aplicar a teoria pós-colonial em textos compostos por escritores norte-americanos, embora se tenha uma insuficiência em análises dessa natureza sobre essas obras.

---

<sup>1</sup> Mestre em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba.

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais.

De acordo com Madsen (2003), a teoria pós-colonial fornece uma abordagem profunda da literatura dos Estados Unidos e daquelas regiões políticas significativamente influenciadas pelo imperialismo político ou cultural americano. As relações de poder entre a América do Norte e culturas à margem da modernidade capitalistas constituem um dos aspectos sociais a serem observados pela perspectiva da diferença e da condição de subalternidade estabelecida pelo Império norte-americano. Nesse sentido, Cuba é um exemplo desse quadro, já que, na primeira metade do século XX, se tornou um país totalmente subserviente às ordens do governo norte-americano, mais especificamente pela prática *neocolonial*, considerada como uma estratégia mais recente do colonialismo, porém, centrada no domínio ditatorial da cultura e da economia dos países colonizados.

Nessa relação entre Cuba e Estados Unidos a partir de uma visão literária, apresenta-se o escritor norte-americano Ernest Hemingway (1899-1961), autor que vivenciou pessoalmente a experiência de dominação norte-americana em solo cubano, de modo que uma boa parte de sua biografia se realizou em Havana, a capital cubana. Ao investigar um pouco sobre a fortuna crítica de Hemingway, atenta-se ao fato de que o romancista integrou o grupo de escritores do movimento modernista dos EUA, e esses artistas adotaram uma abordagem que buscava retratar os personagens, situações e cenários de forma direta, representativa e reconhecível (ANDERSON, 2010). Ademais, eles utilizavam estilos distintos e inovadores de composição na época, a exemplo da escrita objetiva, essa originada do gênero jornalístico, área pela qual o autor inicialmente se profissionalizou em sua vida.

Durante o seu período de estadia em Cuba, a prosa de Hemingway foi envolvida por lugares, pessoas e experiências que estavam ao alcance do autor diariamente enquanto ele escrevia. Conforme pontua Wheeler (2018), sua escrita sólida e duradoura atingiu o seu ápice em Havana, onde completou grandes romances, como *Por Quem os Sinos Dobram* (1940), bem como iniciou a produção de outros, a exemplo de *Ilhas na Corrente* (1970), publicada postumamente. Com efeito, nas narrativas situadas no contexto cubano, Hemingway refletiu a essência do relacionamento que ele compartilhava com a população cubana e, especialmente, com a sua paisagem.

Portanto, este artigo consiste em uma adaptação oriunda de um tópico de discussão desenvolvido em uma pesquisa dissertativa do PPGLI<sup>3</sup> da UEPB, na qual pretende analisar a obra-prima de Hemingway, *O velho e o mar* (1952), sob um viés pós-colonial, mediante a questão dos espaços representados no romance enquanto um reflexo da ação neocolonialista americana, um contexto pelo qual se predominou em Cuba, país de origem na obra. Para isso, será feita uma discussão acerca de como a literatura pós-colonial, em geral, amplia a discussão acerca do lugar enquanto um objeto de determinação identitária do sujeito imperialista pela ótica colonial, esta que, pela sua caracterização de dominação, estabelece um caráter subalterno ao cidadão colonial em vista de sua condição enquanto um detentor de poder. De fato, esse aspecto se tornará mais abrangente através da aplicação teórica proposta ao *corpus*, que será desenvolvida ao longo desta pesquisa.

## **1. Literatura pós-colonial, subalternidade e a questão do lugar**

O lugar corresponde a uma característica importante das literaturas pós-coloniais, pois será nesse aspecto que irá se desenvolver a crise da identidade pós-colonial, especialmente na preocupação em se definir entre o desenvolvimento ou a recuperação de uma relação da identificação entre si e o próprio lugar. É no colonialismo que a consciência de identidade por parte do sujeito pode ser corroída ou destruída pelo sistema ditatorial determinado pela autoridade colonial da prática imperialista.

Em vista desse aspecto, o dualismo identidade/lugar está sempre presente nas sociedades coloniais, pois cada uma delas intervém concomitantemente entre si na sua significação enquanto componentes do processo de colonização. Na relação entre esses elementos, as diferenças históricas e culturais se instauram, e daí surge uma preocupação acerca das visões sobre autenticidade e identidade, e isso se torna uma questão constante nas literaturas pós-coloniais escritas em língua inglesa (ASCHROFT *et al.*, 1989).

Na teoria pós-colonial, o conceito de lugar sugere um encontro entre a língua, a história e o meio ambiente, com base nas vivências dos colonizados e na importância de cada local para a definição da sua identidade (ASHCROFT *et al.*, 2007). A interferência do

---

<sup>3</sup> Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, situado no Campus I, Campina Grande-PB.

colonizador na estruturação de cada espaço ocorre a partir do seu próprio discurso cultural de uma comunidade desestruturada de suas origens, o que ilustra uma separação do local enquanto um espaço referente ao nacional, isto é, o território passa a ser exposto pelas representações criadas pelo colonizador a partir de seu ponto de vista, o que distancia a imagem real daquele lugar de suas raízes culturais e históricas. Conseqüentemente, o colonial aciona suas estratégias de desviar o nativo de sua formação individual enquanto sujeito nacional e provoca uma alienação do colonizado para um estado de subalternidade em vista das ideologias defendidas pelo colonialismo.

Por isso, a identidade, situada em um local onde se predomina o poder colonial, sofre diferentes mutações por parte do colonizador. Hall (2006) trata a questão da identidade cultural ao estabelecer algumas ideias e concepções acerca do homem como ser determinado por uma “cultura nacional” deslocada de seu espaço de origem. O crítico considera esse fenômeno como decisivo para a divisão entre elites e minorias, de modo que se conservam apenas os valores delimitados pelos senhores de poder, ou seja, aqueles que possuíam condições econômicas e políticas favoráveis para a instauração de sua supremacia. Isso se aplica ao contexto do predomínio do colonialismo que, ao longo de seu percurso expansionista, considerou a imagem do nativo como sujeito que incorpora identidades fragmentadas devido a sua distinção perante a cultura do Império.

Os objetos artísticos e culturais oriundos da literatura são essenciais na compreensão dessa estreita relação que se há entre o sujeito e o lugar. Um exemplo dessa ocorrência no texto literário está em *Doce Triunfo* (1983), romance norte-americano escrito por Judith McNaught (1944-). Nele, é possível identificar traços característicos dos efeitos do imperialismo dos EUA nos habitantes de Porto Rico, país que, tal como Cuba, também foi afetado pela ação colonial norte-americana. O enredo foca nas relações entre a norte-americana Katie e o porto-riquenho Ramon e, este último, ao tratar de sua definição identitária alocada a um país colonizado, expõe conscientemente como as ações do Império influenciaram na sua formação nacional enquanto indivíduo porto-riquenho, como apresenta o seguinte trecho:

- [...] Ramon, você tem sorte de não ser norte-americano [...].
- Eu sou norte-americano - ele disse, ignorando o aviso dela.

- Mas você disse que é porto-riquenho.
- Eu disse que nasci em Porto Rico. Na verdade, sou espanhol.
- Você acabou de dizer que é porto-riquenho e norte-americano.
- [...] Porto Rico faz parte da comunidade norte-americana. Todos que nascem nesse país são, automaticamente, cidadãos norte-americanos. Meus ancestrais, no entanto, eram todos espanhóis, e não porto-riquenos. Portanto, eu sou, americano, nascido em Porto Rico e descendente de espanhóis. Exatamente como você é... - Ele examinou-lhe a pele clara, os olhos azuis e os cabelos avermelhados. - Como você é norte-americana, nascida nos Estados Unidos e descendente de irlandeses. (MCNAUGHT, 2005, p. 28).

Observa-se, então, como Ramon adquiriu um caráter variado perante as ações de poder ocasionadas pelo Império dos EUA em um contexto colonial. Embora ele se defina como norte-americano, as suas raízes ainda permanecem enquanto sujeito nacional porto-riquenho, mesmo que essas tenham sido atingidas pela soberania dos EUA. Nesse caso, é preciso considerar como a autoridade imperial contribuiu para a definição de uma identidade cultural local e subalternizada, o que a tornou definida pelo contraste resultante das diferentes culturas que se emergem por meio das aproximações entre Império e colônia.

Por conterem uma extensão maior na sua caracterização enquanto gênero literário, os romances apresentam um espaço mais amplo de discussão acerca dos locais enquanto determinantes da identidade do indivíduo, este representado pelos personagens ao longo da escrita narrativa. O *corpus* em *O velho e o mar* ilustra essas questões espaciais que permeiam a representação dos sujeitos na obra, e o contexto histórico colonial será fundamental para a consolidação da proposta teórica optada para esta análise, apresentada a seguir.

## **2. Os espaços e a definição identitária em *O velho e o mar***

A obra de Hemingway, juntamente com a crítica jornalística do americano George Selden (1890-1995), se tornou uma das grandes divulgadoras de perspectivas não-americanas para os cidadãos dos EUA em uma época em que os grandes veículos de mídia local dedicavam uma parcela entre 2,5% e 9% de suas páginas para notícias do exterior, como a cobertura feita pelo autor sobre a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), a ascensão do fascismo europeu e a vida simples dos cubanos na década de 1950. Embora seja de origem americana, o autor desenvolveu sua literatura entre ações de atribuição de valor à pátria –

estas vistas como uma postura neocolonial – e, concomitantemente, com críticas essenciais ao provincialismo e às tendências imperialistas da mentalidade americana – o que caracterizou uma posição anticolonial por parte do romancista.

Nesse contexto, ele propôs aderir ao cosmopolitismo como uma alternativa de refúgio das políticas públicas internacionais propagadas pela sua própria nação. Logo, a escrita de Hemingway permeou entre suas próprias contradições entre a terra natal e os espaços vivenciados por ele ao longo de sua vida. Para Lewis (2013), a obra do autor se desenrolou em conexão com os eventos e relações pelas quais ele questiona, ouve e atende os efeitos prejudiciais do colonialismo em países submissos ao sistema imperial usufruído pelos EUA e Europa.

A análise espacial de *O velho e o mar* constitui um dos fatores fundamentais para a interpretação da obra sob uma perspectiva pós-colonial, mesmo porque os locais apresentados se associam com a construção dos personagens enquanto sujeitos inferiorizados pelo colonialismo norte-americano. Além disso, as regiões onde são situados determinados momentos da trama são integrantes da história do processo colonial dos EUA, o que endossa o expansionismo realizado pelo imperialismo em diversos países do globo. É preciso enfatizar, entretanto, que alguns dos cenários exibidos na obra são oriundos da consciência do velho pescador e cubano Santiago, o protagonista do romance e, devido à habilidade onisciente do narrador, é possível visualizá-los durante a leitura do texto.

Espaços pertencentes a Cuba são citados constantemente na obra. Um dos principais é Havana. Por meio da mente do protagonista Santiago, percebe-se a utilização do lugar como ponto de localização mediante a sua estadia em alto-mar, como revelam os fragmentos a seguir: “Mais adiante olhou para trás e verificou que já não via terra. ‘Não faz diferença’, pensou. ‘Para voltar posso sempre guiar-me pelo resplendor de Havana [...]’”<sup>4</sup> (HEMINGWAY, 2013, p. 50).; e este outro trecho: “‘[...] Se o clarão de Havana desaparecer de todo, quer dizer que estamos indo para o leste’, pensou [...]’”<sup>5</sup> (HEMINGWAY, 2013, p. 51).

---

<sup>4</sup> “Then he looked behind him and saw that no land was visible. That makes no difference, he thought. I can always come in on the glow from Havana [...]” (HEMINGWAY, 1952, p. 46).

<sup>5</sup> “If I lose the glare of Havana we must be going more to the eastward, he thought [...]” (HEMINGWAY, 1952, p. 47).

Para situar-se em alto-mar, Santiago usa a metrópole como centro de localização. Observa-se, então, como a capital é explorada pelos olhos do protagonista, além de atuar como uma espécie de “bússola”, uma ferramenta de guia e, por isso, assume a posição central para a sua trajetória. Logo, inserir a metrópole enquanto espaço sede em textos narrativos corresponde a um modo de o discurso colonial orientar o texto para a sua relevância no processo de expansão imperial e, com isso, arquitetar o lugar através da construção de definições em que a margem sempre ocupará um espaço distante e, ao mesmo tempo, externo à sua admissão. Logo, o Império é o único a ter acesso aos benefícios ofertados pela metrópole (BOEHMER, 2005), espaço onde se instala toda a base de patrimônio cultural e poder.

No enredo, essa inserção de Havana coloca em discussão o interesse que a cidade ocupa na história do colonialismo norte-americano em Cuba, sobretudo pelo fato de ter sido uma das pioneiras na invasão do imperialismo dos EUA. Bruit (1987) afirma que o capital norte-americano cresceu a partir do extrato de recursos ofertados pela capital, de modo que os cubanos se tornaram dependentes dos financiamentos promovidos por empresários que buscavam obter lucros mediante as propriedades dos principais produtores de matéria-prima, como o açúcar e a beterraba. Com isso, famílias tiveram que ceder boa parte de seus engenhos para o domínio de firmas dos EUA com o propósito de quitar os altos impostos exigidos pelo colonialismo norte-americano.

Havana, portanto, torna-se um centro comercial e industrial pelas ações de implantação do poder capital exercido pela política dos EUA. Conforme aponta Kiernan (2009), a construção de fábricas e indústrias administradas por norte-americanos em países da África e da América Latina e Central era uma ação comumente realizada pelo colonialismo como uma estratégia de consolidação de sua infraestrutura industrial. Na narrativa, observa-se como a influência do capitalismo na extração de recursos para as fábricas é evidente no que diz respeito à produtividade dos pescadores cubanos:

[...] Os pescadores que nesse dia haviam sido bem-sucedidos tinham chegado e limpado os espadartes, levando-os estendidos ao comprido sobre duas tábuas – dois homens sustentavam a ponta de cada tábua – para o armazém de peixes, onde ficavam à espera de que o transporte frigorífico os levasse para o mercado em Havana. Aqueles que tinham apanhado tubarões

carregavam-no para a fábrica do outro lado da baía, onde eram içados e limpos, os fígados extraídos, as barbatanas cortadas, as peles raspadas e a carne cortada em tiras para salgar.<sup>6</sup> (HEMINGWAY, 2013, p. 15).

O trecho anterior coloca Havana como o cenário no qual vive a comunidade de pescadores diante da economia do Império, especialmente na contemporaneidade, dominada pelo o que os estudos sociais nomeiam como a “divisão internacional do trabalho”. Esse quadro é refletido por Spivak (2010) ao tratar sobre o lugar do subalterno: enquanto os EUA, país de Primeiro Mundo, se dedicam a investir no capital, os países colonizados, vistos como nações de Terceiro Mundo, fornecem os recursos para a aquisição desse investimento, e essa dinâmica é um fator resultante da exploração da força do trabalho determinada pela autoridade imperial para a comunidade subalterna, a parcela social que se empenha na manutenção do capital comercial e industrial do colonizador.

Além de Havana, o continente africano é regularmente citado e associado ao pescador Santiago em toda a obra. Ao dialogar com o garoto Manolin – amigo do personagem –, o velho pescador narra que, em tempos anteriores ao da narrativa, ele viajava na proa de um navio quando tinha a idade do garoto, de forma que essa embarcação tinha como destino a África (HEMINGWAY, 2013). Não apenas pelo discurso narrativo, mas o protagonista idealiza constantemente o cenário africano através da fauna, representada pelos leões, animais pertencentes ao grupo de seres que se encontram em vários países do território representado no texto ficcional.

Ao estabelecer uma relação do tempo narrativo com a publicação da obra, isto é, 1952, percebe-se que o percurso ao passado realizado pelo velho homem pode ser associado com a história do domínio dos EUA em diversos locais do mundo. Ao considerar a década de 50 como o tempo base para o contexto situacional do romance juntamente com a faixa etária de Santiago, observa-se que a infância do pescador se adequa às ações do imperialismo norte-americano para a sua expansão territorial: o uso do transporte naval entre o final do século XIX e início do século XX para o desenvolvimento do movimento neocolonialista em países

---

<sup>6</sup> “[...] The successful fishermen of that day were already in and had butchered their marlin out and carried them laid full length across two planks, with two men staggering at the end of each plank, to the fish house where they waited for the ice truck to carry them to the market in Havana. Those who had caught sharks had taken them to the shark factory on the other side of the cove where they were hoisted on a block and tackle, their livers removed, their fins cut off and their hides skinned out and their flesh cut into strips for salting.” (HEMINGWAY, 1952, p. 11).



da África e da Ásia, e expande, portanto, a “civilização” e o “progresso” defendidos pelo homem norte-americano (KARNAL *et al.*, 2008) para o seu crescimento comercial. Portanto, a marinha se tornou uma ferramenta de domínio colonial para os EUA, aspecto da história norte-americana que fundamenta a citação de navios destinados à África no romance. Assim, o espaço africano promove o encontro entre a história colonial dos EUA e os povos subjugados a esse sistema, e o texto é apresentado como um produto cultural estruturado por formações histórico-sociais marcadas pelo tempo e pelo espaço envolvidos no regime colonial.

Santiago, ainda, mantém uma íntima relação com o lugar, algo expresso por meio da inserção da narrativa na consciência do protagonista da obra (HEMINGWAY, 2013). Em uma determinada situação, verifica-se a exaltação do narrador ao descrever a extensão do espaço africano, como sugere o trecho seguinte:

Adormeceu quase imediatamente e sonhou com a África de quando era garoto, com as extensas praias douradas e as areias brancas, tão brancas que feriam os olhos, e com os cabos que se erguiam majestosamente sobre o mar, e com as enormes montanhas castanhas. Agora vivia nessas costas todas as noites e, nos seus sonhos, ouvia o marulhar das ondas e via os barcos dos nativos que singravam as águas. Sentia o cheiro do alcatrão e dos cabos da coberta, e parecia sentir o aroma da África que a brisa da terra trazia pela manhã.<sup>7</sup> (HEMINGWAY, 2013, p. 27-28).

Essa ação exposta pela narrativa corresponde a um típico comportamento do colonizador no que se refere à visão dos espaços. Apesar de ser algo proveniente da mente de Santiago, o texto não evita enaltecer as características físicas da África e, por isso, a observação desses locais se torna visível do ponto de vista colonial. Sobre isso, Memmi (2007) coloca as consequências às quais o colonizado se sujeita mediante a prática imperialista, em vista do fato de que os poucos resquícios materiais do passado sofrem alterações, ou até mesmo um apagamento, causados pelo colonizador, o que sobrepõe as

---

<sup>7</sup> “He was asleep in a short time and he dreamed of Africa when he was a boy and the long golden beaches and the white beaches, so white they hurt your eyes, and the high capes and the great brown mountains. He lived along that coast now every night and in his dreams he heard the surf roar and saw the native boats come riding through it. He smelled the tar and oakum of the deck as he slept and he smelled the smell of Africa that the land breeze brought at morning.” (HEMINGWAY, 1952, p. 24-25).

marcas coloniais, além de que as próprias construções espaciais adquirem forma pelo colonialismo, que intimida as ações e ideias do colonizado.

Essa construção do lugar pela voz colonialista é semelhante ao que os escritores ocidentais realizavam com relação ao Oriente no século XX: uma representação fragmentada pela perspectiva de exploração dos espaços dominados pelo governo imperial. Dessa forma, os povos colonizados são definidos pelo olhar do colonizador, e os espaços atuam como parte integrante da formação individual dos subalternizados. Por isso, eles são vistos como objetos locais, estes raramente aceitos no contexto colonial pelo detentor do poder. Sobre essa situação, Boehmer (2005) assinala que o nativo, seja ele oriundo da colônia ou estrangeiro, é designado enquanto instrumento de renovação do colonialismo e, conseqüentemente, o indivíduo é tratado como membro de uma classe estabelecida como “periférica”. Assim, ao relacionar esse aspecto à conjuntura neoimperial, os EUA ocupam a posição de centro tal como a Inglaterra assume o posto de Império perante outras nações. Logo, o espaço imperial atinge um estado inquestionável de soberania, e apenas sofre uma quebra desse paradigma a partir da expressão da comunidade colonizada, acionada sobre o sistema opressor por meio da globalização.

Outro caso de exposição do continente africano é trazido na ficção narrativa, concretizado pelo embate do peixe espadarte com Santiago em alto-mar, conforme se apresenta na obra. Sobre a fauna como elemento integrante das suas raízes culturais, ele realiza um *insight* das suas memórias nativas ao pensar na África:

“Gostaria que ele dormisse umas horas para que também eu pudesse dormir e sonhar com os leões”, pensou. E mais: “Por que é que os leões serão sempre a parte mais importante dos meus sonhos e a recordação que parece ter ficado mais profunda em minha memória? Não pense mais velho”, disse.<sup>8</sup> (HEMINGWAY, 2013, p. 68).

No excerto anterior, ao estabelecer uma análise do animal sob o ponto de vista simbólico, a imagem do leão representa a liderança, isto é, aquele que governa e é digno de total respeito. Ferber (2007) confirma essa ideia ao tratar da linha histórica que essa espécie

---

<sup>8</sup> “I wish he’d sleep and I could sleep and dream about the lions, he thought. Why are the lions the main thing that is left? Don’t think, old man, he said to himself [...]” (HEMINGWAY, 1952, p. 66).

apresenta no conhecimento cultural desde a Idade Média, em que ele era imaginado como o rei dos animais e, da mesma forma, utilizado como emblema real. Porém, o *corpus* direciona a leitura para o desejo íntimo de Santiago de obter sua própria soberania, principalmente por dois motivos: o primeiro, por ser um homem idoso e, com isso, a imagem dos leões sugerir uma vontade inconsciente de ter a força e a estatura física necessária para ser reconhecido perante a comunidade de pescadores, além de anular as limitações provenientes de sua idade; o segundo, e mais pertinente a esse estudo, corresponde ao estado de subserviência que o Império instituiu ao colonizado, em vista de que ter os leões como uma recordação e um sonho persistente retrata a autonomia que o indivíduo almeja para si.

Todavia, essa condição se torna algo apenas idealizado pela mente de Santiago, assim como essa imagem se repete no trecho final da narrativa: “[...] O velho sonhava com leões.”<sup>9</sup> (HEMINGWAY, 2013, p. 124). Além disso, examina-se que os leões são oriundos de um *habitat* atingido pelo colonialismo dos EUA, isto é, a África. Logo, o caráter de subalternidade e de dependência torna-se evidente no romance, o que revela a obra como portadora de um discurso que torna possível traçar conexões entre o modo visível e o oculto das relações de poder que perpassam o Império e a margem, com todas as ideias, instituições e valores que se constroem na linguagem e no cotidiano do sujeito colonizado (LOOMBA, 1998).

Como a fauna africana se torna frequente na *psiquê* de Santiago, ela sugere um elemento pertencente a sua própria identidade enquanto nativo. Enquanto o colonizador trata o meio ambiente como objeto de apropriação e extinção dos recursos que fornece, o cidadão colonizado o integra como componente essencial para a sua formação individual enquanto homem, e todos os seres que fazem parte do ecossistema são bens coletivos e de direito aos seus cuidados e usos conscientes, o que se distancia dos hábitos recorrentes à exploração capitalista.

A África é novamente citada durante a descrição de uma luta entre Santiago e o negro na cidade de Casablanca, localizada no Norte africano, em Marrocos (HEMINGWAY, 2013). De acordo com Stone e Kuznick (2015), Casablanca foi um espaço de encontro de planejamento de ações contra a Alemanha na época da Segunda Guerra Mundial, onde o

---

<sup>9</sup> “[...]. The old man was dreaming about the lions.” (HEMINGWAY, 1952, p. 127).

governo norte-americano planejava adquirir o triunfo em meio às outras nações envolvidas, tais como Inglaterra e Japão. Em *O velho e o mar*, a própria cidade se torna uma disputa entre o homem branco e o negro, e o texto atribui a Santiago o caráter de oposição em vista dos conceitos defendidos pelos EUA acerca das diferenças étnicas.

Além de estarem situados em um local que, pelo governo norte-americano, serviu como contexto de imposição de sua soberania, o romance reforça o caráter de subordinação ao trazer a origem do negro, isto é, a cidade de Cienfuegos, um dos cenários mais cobiçados pelos empresários dos EUA para a obtenção do comércio da cana-de-açúcar. Schoultz (2000) pontua que o lugar, além de ter sido espaço do poderio comercial norte-americano, foi, ao mesmo tempo, um palco de repúdio do governo por parte do proletariado, uma vez que, em 1905, a porta do consulado norte-americano foi atingida por excrementos dos revoltosos cubanos em um inusitado ato de protesto contra o exército dos EUA e o regime colonial. Com isso, eles adotaram a ideia de que a sociedade cubana não se portava a favor da manutenção da saúde pública e do bem-estar dos militares, o que atribuiu ao poder naval a responsabilidade de Cienfuegos, o que conseqüentemente impôs a supremacia dos EUA em terra cubana.

Apesar de serem sujeitos de status opostos entre si, Santiago e o negro não desfrutam da mesma condição de preeminência ocupada pelo norte-americano. A narrativa colonial em *O velho e o mar* reflete os EUA enquanto sistema dominante, o que promove desigualdade entre os próprios cidadãos cubanos. Por conseguinte, esse quadro não expressa uma resposta ao Império. Pelo contrário: ele confirma a absorção das convicções de disputa social que a autoridade colonial instaura sobre a aquisição do lugar do indivíduo em um contexto dominado pela hierarquia atribuída aos próprios nativos.

Infere-se que colocar um cidadão cubano contra outro – Santiago em rivalidade com um negro de Cienfuegos – é denominar a personalidade do nativo a partir das convicções dos norte-americanos em depreciar aqueles que não seguem os padrões do colonialismo. O indivíduo negro, portanto, atua como uma peça de contraste pelo fato de pertencer a essa etnia, proveniente de um lugar expresso pelo seu estado de dependência e despreço em vista da postura apresentada diante do poder colonial. Nesse sentido, as sociedades opostas ao sistema são tratadas como minorias, e a imagem do homem branco é construída pela figura de

um lutador que precisa se sobrepor a todos os que não se associam aos padrões dos EUA (TOTA, 2000).

Esses locais produzem uma reflexão acerca da superioridade racial trazida pelo imperialismo. Santiago, enquanto homem branco, proposto em relação ao negro, reflete a ideia de Loomba (1998) sobre a soberania atribuída à etnia branca em relação à imaginação acionada pelo colono acerca do negro enquanto um sujeito inferior a ponto de alocá-lo sempre como um trabalhador braçal ou escravo, além de considerá-lo impossibilitado de exercer os mesmos direitos usufruídos pelo colonizador. A organização das classes trabalhadoras movia-se de acordo com as ordens do Império e observava cada indivíduo a partir de sua origem natural enquanto etnia e, com isso, a rivalidade se instaurou abundantemente entre as raças e expandiu esse conceito de discrepância entre os homens a fim de garantir o poder para aqueles que unicamente se adequavam aos padrões sustentados pelo colonialismo do indivíduo branco.

Assim, a ideologia de raça lançada pelos norte-americanos é equivalente ao que os colonizadores britânicos realizavam na África, e os espaços são os elementos prioritários para o desenvolvimento capitalista colonial. Os africanos, por exemplo, eram deslocados de suas melhores habitações para morarem em locais vizinhos, onde a produtividade material não apresentava uma lucratividade suficiente nem para a sua própria manutenção. Os povos eram vistos como seres secundários ao tratamento digno do Império e, por isso, eram destinados a se tornarem mão-de-obra colonial. Assim, o cuidado e o cultivo das terras eram o principal objetivo para o crescimento econômico da elite imperial.

Isto posto, essas concepções acerca dos espaços locais revelados na obra são imagens do colonialismo como agente determinante desses cenários percebidos enquanto colônia e metrópole, o que adiciona, portanto, traços de inferioridade às nações colonizadas. Os espaços são, de fato, determinantes na concepção do sujeito pelo olhar colonial, mediante um contexto caracterizado pela dominação econômica, política e cultural norte-americana, e a literatura se revela como um objeto artístico de combate aos valores estabelecidos pelo colonialismo, que inferioriza e forma a imagem de um sujeito a partir dos produtos culturais do Império, o principal responsável pela determinação e domínio do indivíduo colonizado.

## Conclusão

Com base na discussão desenvolvida, observou-se, portanto, que o texto traz uma relação muito próxima entre o eu e o lugar no pós-colonialismo. Os lugares são instrumentos de promoção de um senso de identidade destruído pela difamação cultural, pela opressão consciente e inconsciente da personalidade por um modelo cultural ou racial imaginado pelo Império (ASHCROFT *et al.*, 1989). Isso é um fator característico de nações pós-coloniais atingidas pela criação ou intervenção do homem imperialista na composição de uma sociedade que concerne aos propósitos de dominação colonial e que influenciou na existência da autenticidade do nativo. São os espaços os promotores das experiências individuais do homem e, a partir da intervenção de um poder externo, essas vivências se desagregam da individualidade histórica e cultural contida na representação literária de nações colonizadas.

Os locais imaginados ao longo do romance e pontuados nesse estudo correspondem a situações destacadas pela narrativa que remetem ao colonialismo dos EUA e ao condicionamento do indivíduo em meio a esses espaços dependentes dos comandos do Império. De certa forma, isso expõe o predomínio que a América exerceu para a sua expansão territorial e, especialmente, para o seu crescimento enquanto potência econômica mundial. Com isso, a obra se torna um campo de batalha dos princípios coloniais que atribuem às regiões apresentadas como cenários definidos pela inferioridade e marginalização em frente à posição absoluta de ascendência ocupada pelo cidadão norte-americano.

Nesse caso, a influência pós-colonial traduzida pela literatura norte-americana é uma questão flagrante que se relaciona a espaços e a contextos situacionais existentes em obras diversas que se expandem para além da temática do lugar como elemento característico de determinação do indivíduo. Outros aspectos culturais, como a linguagem e o modo de vida habitual do colonizado, são também relevantes para se compreender a questão da influência exercida pelo Império na determinação das classes sociais existentes nas colônias, dividindo-as enquanto membros da metrópole/centro e da margem/periferia. Com efeito, o enredo de *O velho e o mar* demonstra verdadeiramente essa visão fragmentada pelo sistema colonial americano, de maneira que o objeto literário se materializa como um reflexo dessa perspectiva construída pelas consequências do poder imperialista.

## Referências

- ANDERSON, George Parker. **Research Guide to American Literature: American Modernism: 1914-1945**. New York: Facts On File, 2010.
- ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures**. London: Routledge, 1989.
- ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **Post-colonial studies: The Key Concepts**. London: Routledge, 2007.
- BOEHMER, Elleke. **Colonial and Postcolonial Literatures: Migrant Metaphors**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2005.
- BRUIT, Héctor Hernan. **O imperialismo**. 2. ed. São Paulo: Atual, 1987.
- HEMINGWAY, Ernest. **The Old Man and the Sea**. New York: The Scribner Library, 1952.
- HEMINGWAY, Ernest. **O velho e o mar**. Tradução de Fernando de Castro Ferro. 80. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- FERBER, Michale. **A Dictionary of Literary Symbols**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007.
- HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KIERNAN, Victor Gordon. **Estados Unidos: o novo imperialismo**. Tradução de Ricardo Doninelli Mendes. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- LEWIS, Nghana Tamu. Race and Ethnicity: Africans. In: MODDELMOG, Debra A; GIZZO, Suzanne del (Ed.). **Ernest Hemingway in Context**. New York: Cambridge, 2013. p. 315-322.
- LOOMBA, Ania. **Colonialism/Postcolonialism**. New York: Routledge, 1998.
- MADSEN, Deborah Lea. **Introduction: American Literature and Post-colonial Theory**. In: MADSEN, Deborah Lea (Ed.). **Beyond the Borders: American Literature and Post-Colonial Theory**. Sterling: Pluto Press, 2003. p. 1-11.
- MCNAUGHT, Judith. **Doce Triunfo**. Tradução de Vitória Paranhos Mantovani. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora BestSeller, 2005.
- MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

SCHOULTZ, Lars. **Estados Unidos: poder e submissão.** Tradução de Raul Fiker. São Paulo: EDUSC, 2000.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida [*et al.*]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STONE, Oliver; KUZNICK, Peter. **A História Não Contada dos Estados Unidos.** Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Faro Editorial, 2015.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor: A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WHEELER, Robert. **Hemingway's Havana: A reflection of the writer's life in Cuba.** New York: Skyhorse Publishing, 2018.